

Os canteiros
na decoração funerária

As flores na cantaria



Percursos temáticos

- > O distinto médico
- > Um olhar renovado
- > A República aconteceu aqui
- > A capela que não existia
- > Felizmente há luar
- > O retratista do Cemitério de Loures
- > Simbologias da arte funerária
- > O Poeta de Loures
- > Os Cinco do Barro
- > Epitáfios

Duração: 45-60 minutos.



Cemitério

Rua da Paz, Loures
GPS: 38°49'50" N 9°10'30" W

Todos os dias
9:00 > 17:30
A entrada no cemitério encerra
15 minutos antes do fecho.

Secretaria

Segunda a sexta-feira
9:00 > 12:30 | 14:00 > 17:30
211 150 706
dspta@cm-loures.pt

Marcação de visitas

211 150 352
turismo@cm-loures.pt

Visitas guiadas

Mensalmente | domingos
10:00 > 12:30 | 14:00 > 16:30
Com marcação prévia.

Outras datas e horários, sujeitos
a confirmação.

Normas de visita

Aconselha-se um comportamento
adequado ao espaço e em
cumprimento do Regulamento
dos Cemitérios Municipais
de Loures.

Por ser um Cemitério em
funcionamento, excepcionalmente
poderá ser alterado o percurso
ou haver lugar a uma breve
interrupção da visita.

O papel de Montelavar

Montelavar, na zona norte do concelho de Sintra, é um dos grandes centros de exploração, corte, cantaria e trabalho artístico das rochas ornamentais. Ali encontramos o mármore lioz, os calcários, vermelhos e rosas, e a pedra chanfana, amarela e mole. Esta dádiva da natureza está na origem do seu desenvolvimento industrial, a nível nacional e internacional, e a especialização em trabalhos de cantaria de casas, mas, sobretudo, em arte funerária.

No Cemitério Municipal de Loures

Na Alameda da Redenção foram identificados alguns autores de jazigos que remetem para oficinas em Loures, Vila Franca de Xira e Alhandra e um nome próprio, VICTOR.

Guilherme Victor veio de Vila Franca de Xira e traz uma profissão ensinada e transmitida pela família. Aponta-se 1890 como possível data de nascimento. Faleceu em 1978. Tem um primeiro filho que continua a atividade dos familiares, **Manuel Victor** (Manuel Canteiro, como ficou conhecido, também com obra em Loures), mas com oficina própria em Vila Franca de Xira e Alhandra, e mais tarde em Pero Pinheiro.

Guilherme vem para Loures, e, de um segundo casamento, nasce **Mário Victor Primavera**, em 1925. A partir dos 15 anos começa a trabalhar como canteiro na oficina do pai, até 1960. Criou-se, então, esta assinatura de jazigos no cemitério de Loures: Guilherme Victor, Loures, mas com trabalho de Mário Victor Primavera.

Em São João da Talha

Na Portela da Azóia, Manuel Silveira Alves Félix e o seu pai, Manuel Antunes Alves Félix, tiveram uma oficina de cantaria numa antiga vacaria. O pai era cortador de pedra e polidor, o sócio era canteiro e o Manuel era o servente. Aos 17 anos, Manuel começa a "abrir letras" em lápides para campas. O fornecedor de pedra era de Coimbra. Mas também havia a Fábrica de Mármore e Cantarias de Pirescouse, Lda., fornecendo toneladas de pedras para soleiras, degraus, janelas. Os motivos *liuro* e *Cristo* (que ainda se vê no cemitério de São João da Talha) e *folhas* eram os mais solicitados. Manuel foi fazendo moldes e criando o seu mostuário. Deixou de ser canteiro há 25 anos.

Trabalhar a pedra

A tarefa de esculpir a pedra exige um sentido estético apurado e uma boa dose de imaginação. Para isso, servem-se de instrumentos como o martelo, maceta, ponteiro (utilizado para desbastar a pedra à medida que os primeiros contornos da decoração vão sendo esculpidos), escopro (para sulcar ou esculpir os motivos decorativos na superfície da pedra), esquadro, metro, badame (usado para conferir profundidade aos motivos decorativos ou ao desenho que está a esculpir na pedra). Os canteiros apresentavam na sua oficina trabalhos que serviam de amostra para os clientes, esboços ou fotografias como forma de ilustração.

As flores na cantaria

Um símbolo comum no cemitério são as plantas: frágeis, belas e nobres. As plantas possuem diferentes significados, mas todas possuem, em comum, o sentimento do sagrado, pois podem ser símbolos religiosos. As plantas são muitas vezes representadas individualmente, ou como parte de um conjunto simbólico, através de alegorias. As flores, cujo uso real acompanham a história da morte, são as decorações das cabeceiras das campas, com imagens esmaltadas ou de cerâmica, e epitáfios. A coroa de flores, símbolo da eternidade, encima particularmente os jazigos. A palma é um elemento que, estilizado, remete para o calvário e para a ressurreição de Cristo. A perpétua e a alcachofra, também chamada saudade, são elementos frequentes na paisagem decorativa dos cemitérios. A rosa e a folha do acanto (imortalidade) também são comuns. O girassol, como símbolo de lealdade, aparece bem aberto, mostrando as suas pétalas. São em pedra o que os gestos de cada um dos familiares gostaria de fazer: encher a campa de flores, sempre vivas, sinal de respeito e amor. Os motivos do século XIX repetem-se dentro do século XX, inalteráveis. Só na década de oitenta (do séc. XX), entram novos discursos decorativos com mármore escuro ou rosado e a substituição do canteiro manual por canteiro industrial, com a gravação de desenhos a jato de areia ou laser. Mas as flores continuam.



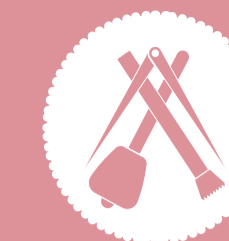
Mário Victor
Primavera



Manuel Antunes
Alves Félix



Manuel Silveira
Alves Félix



Os cemitérios em Loures, à semelhança de tantos outros, contaram, desde sempre, com a mão de obra especializada de canteiros na decoração de campas e jazigos, que ainda hoje persistem nestes espaços.

A necessidade de manter viva a memória do/a falecido/a conduziu à criação de símbolos, em que a sociedade se revê.

A escolha do mármore, calcário ou granito são também opções por um suporte de longa ou eterna duração.

Percorrendo os cemitérios de Loures, Bucelas, São Julião do Tojal, São João da Talha e Sacavém, encontramos referências a canteiros/oficinas de Lisboa, Pinteus, Alhandra, Vila Franca de Xira, Ramada, Póvoa de Santo Adrião, Bucelas, Loures, Portela da Azóia, Pirescouse, Pero Pinheiro, Montelavar, Vale de Lobos e Almeirim.

